

Rubens de Azevedo (SBAA/UBA)

Somos muito orgulhosos do nosso planeta natal. Aqui nascemos, aqui vivemos e lutamos, amamos e morremos - pelo menos até os dias de hoje. Dentro em breve os terrestres poderão ter por sepultura o frio espaço interplanetário ou a paisagem desolada de um planeta ou um asteroide qualquer. Mas esses serão, sempre, uma minoria.

A Terra é o nosso lar. Durante muito tempo o homem acreditou mesmo que ela representava o Centro do Universo e a razão primeira da Criação. As luminarias que ornaram o firmamento não seriam mais do que objetos ali colocados para a contemplação extasiada do "homo sapiens". Verificou-se, depois, que isso estava longe da realidade: a Terra não é mais do que um outro astro no incontável número dos que pululam pelo Cosmos. Se o nosso planeta desaparecesse, - e com ele toda a glória e a fatuidade humanas, nem uma lápide marcaria a sua passagem. Mesmo dentro do nosso próprio sistema planetário ela representa muito pouco, pois é de tal forma diminuta que poderia passar entre o anel interior de Saturno e o planeta, sem tocar em nenhum dos dois. Perante a nossa Galáxia, a Via Láctea, ela não representa coisa alguma. E para as outras galáxias que compõem o nosso Universo conhecido? Menos que nada.

Qual seria o aspecto da Terra visto de outro planeta dentro do nosso próprio sistema solar, à nossa "família"? Não deixa de ser interessante realizarmos essa viagem, através da nossa imaginação e tomando como base os dados científicos. Poderemos, assim, antecipar mo-nos aos futuros astronautas que verão o que agora apreciaremos impulsionados pelas asas da fantasia.

Começemos por nos instalarmos em Mercúrio, o benjamim das planetas, irrequieto mensageiro dos deuses. Da superfície desse astro voltemos a vista para o nosso planeta natal: a Terra se apresenta como uma linda estrela, muito grande e brilhante. Um astro do céu, de aparência pura. Ninguém poderia imaginar que sob essa bela aparência se oculta o que Eça de Queiroz chamou de "um bolão de esturmo com fumaças d'astro", onde a humanidade se digladiava há milênios numa luta insana e criminosa que tem por título eufêmico a "história da civilização"... No céu de Mercúrio a Terra se mostra como um astro exterior - isto é, pode ser visto à meia noite sobre o zênite negro do céu mercuriano.

Viajando do centro para a periferia do sistema planetário, encontramos Vênus, a deusa dos amores, "triste lágrima de prata do véu da noite". Parra os terrenos, Venus e Mercúrio são planetas interiores, vistos apenas a poucos graus de altura, sobre os horizontes do poente e do oriente. São, portanto, estrelas da manhã ou da tarde, nunca vistas à meia noite. A Terra, vista de Venus, apresenta o mesmo espetáculo que Vênus visto da Terra. Para o astronauta, a Terra é um planeta exterior.

Transportemo-nos, agora, para o planeta vermelho, patrono das guerras - Marte. Há importante relação entre as órbitas da Terra e de Marte; elas não são concêntricas, resultando daí que os dois astros se afastam e se aproximam um do outro num período de cerca de 15 anos. Os dois planetas se encontram às vezes muito próximos, cerca de 58 milhões de quilômetros ou muito distantes: 400 milhões. Nas maiores proximidades, a Terra poderia ser vista de Marte como uma estrela muito brilhante. Coisa curiosa: para os habitantes de Marte ou para nós, agora colocados em sua superfície, a Terra se comporta como um planeta interior - É "estrela" da tarde ou da manhã, elevando-se sobre o horizonte marciano cerca de 48 graus - ou

seja, a mesma altura que Vênus atinge no nosso horizonte terrestre. Deixemos o velho Marte e alcancemos o gigantesco Júpiter, rei dos planetas, globo colossal, 1300 vezes maior que a Terra e que gravita a uma distância média de 700 milhões de quilômetros do Sol. Deste astro, nossa Terra é vista como um pequenino satélite do astro-rei. E só pode ser vista como um ponto negro sobre a superfície solar. Aqui, nosso orgulho começa a arrefecer...

Prossigamos e façamos estação em Saturno, o planeta-fantasia, ornado com um bellissimo sistema de brilhantes anéis. Deste mundo, a nossa pátria celeste não é nem ao menos adininhada, embora se afaste, ainda, do disco solar, cerca de 6 graus de arco. Os saturnianos, se existirem, jamais trocaram idéias sobre aquele pequeno mundo que se esconde nos raios - aqui já enfraquecidos do poderoso Hélios.

E agora? Estamos a três bilhões de quilômetros do astro central, sobre a superfície de Urano, o planeta descoberto por acaso por Wilhelm Herschell, em 1781, quando observava estrelas na constelação de Gêmeos. Deste planeta, o diâmetro da órbita da Terra mede apenas 6 graus de arco. O próprio Sol nos parece vinte vezes menor e mais frio... Deste mundo, a Terra nunca foi vista ou sequer adivinhada.

Estacionamos agora num mundo longínquo, cerca de cinco bilhões de quilômetros do Sol. Mundo nebuloso e pouco conhecido, Netuno representou uma das maiores conquistas do cálculo: foi descoberto pela ponta da pena por dois astrônomos independentemente: Leverrier, na França e J.C. Adams, na Inglaterra. Nossa Terra desapareceu para sempre na voragem das distâncias e o Sol se nos apresenta agora com um diâmetro de apenas 64 segundos - ou seja, como aparece Vênus para os habitantes da Terra. Deste céu, a maior elongação de Urano é de 40 graus; a de Saturno, de 18 graus; a de Júpiter, 10, a de Marte 3. A Terra, admitindo-se que ela pudesse ser ao menos entrevista, seria de 1 grau e 54 minutos de arco...

Eis o nosso orgulho ferido, nossa vaidade molestada. Nós só nos afastamos cinco bilhões de quilômetros do Sol e nossa Terra se perdeu no abismo do infinito. Realmente, nosso pequeno planeta não faria falta ao sistema solar se desaparecesse. Excetuando Mercúrio, que quase caberia no Oceano Atlântico e Plutão, Vênus (que apenas um pouco menor que a Terra), nosso planeta natal é o menor astro do sistema. Precisaríamos de 720 Terras empilhadas para formar um corpo como Saturno. Vejamos, agora, o diâmetro do Sol, em segundos de arco, visto dos vários planetas do sistema solar:

O Sol visto de	Diâmetro	Superfície
Mercúrio	82' 49"	6.673
Vênus	44 20	1.910
Terra	32 04	1.000
Marte	21 03	430
Júpiter	6 10	37
Saturno	3 22	11
Urano	1 40	2
Netuno	1 04	1

Vemos que de Mercúrio a superfície do Sol se apresenta 6.673 vezes maior que vista de Netuno. De qualquer maneira, mesmo assim, é o Sol o rei, pois ilumina Netuno com a mesma luz que poderiam fornecer 40 milhões de estrelas de primeira grandeza. Assim, o dia Netuniano é oitocentas vezes mais claro que uma de nossas belas noites de plenilúnio.

Como vimos, nosso planeta natal é apenas mais um astro dentre os bilhões que palpitam em nossa Galáxia. Se outros planetas são habitados, esses habitantes não terão até agora tomado nenhum conhecimento da nossa existência...